

No que concerne ao comércio exterior, a mudança é muito grande: o saldo a nosso favor, no quinquênio 1880-85, fora de 148.100 contos de réis; no quinquênio de 1900-05, alcançaria o total de 1.427.300 contos de réis, que se manteria, com flutuações, até o fim da Primeira Guerra Mundial. Assim, nos dois últimos decênios do século XIX, o nosso saldo total, na troca de mercadorias, da ordem de um milhão de contos de réis, que parecia extraordinário, apenas anunciava o total da ordem de cinco milhões, dos dois primeiros decênios do século XX. Pagamos, agora, entretanto, quatro vezes mais por uma libra esterlina e os grandes saldos eram absorvidos pelo serviço da dívida externa. Restituíamos, assim, rapidamente, os lucros provenientes da troca de mercadorias e o balanço de pagamentos desmentia a situação promissora da balança de mercadorias. Admitindo o índice 100 para 1825, os saldos em circulação dos empréstimos externos haviam ascendido, no fim do século XIX, a 908, em libras esterlinas, crescendo mais de nove vezes, e a 6.412, em moeda nacional, crescendo mais de 64 vezes. Uma análise sumária da economia brasileira mostraria que seus avanços correspondiam a um reforço da dependência em relação ao imperialismo: *o imperialismo era sócio do desenvolvimento da economia brasileira.*“

O esforço de acumulação está ligado ao crescimento da exportação de café: de 30% do valor total da exportação brasileira, no decênio de 1830-39, passará a pouco mais de 75%, no primeiro quinquênio do século XX. É a fase final, entretanto, de uma expansão quase sem obstáculos — embora os houvesse na comercialização, com oscilação dos preços: começa, agora, uma fase nova, quando aparece excesso de produção e as praças do exterior pressionam no sentido da baixa: a estrutura de produção torna-se dependente dos preços mundiais e disso deriva, em grande parte, a passagem progressiva da comercialização às mãos do imperialismo. “A resistência do açúcar às relações ca-

pressão sobre as classes assalariadas, particularmente nas zonas urbanas” (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 203).

“Normano assinala, em nossa história econômica, “uma série de recordes sensacionais caracterizada por uma sequência de flutuações que espantam” a “história do aparecimento e desaparecimento por assim dizer de sistemas econômicos inteiros em que uma nação baseia a sua existência”. Para detalhar: “O principal motivo do sucesso do Brasil, nos primeiros tempos do aparecimento de um produto, reside no fato de a produção brasileira poder satisfazer a uma procura nova de matéria-prima. A história mostra que a supremacia do Brasil, usualmente, corresponde aos períodos do primeiro aparecimento de um produto em grande quantidade nos mercados mundiais. Foi isso o que sucedeu com o açúcar, o algodão, o cacau, o fumo, a borracha, o café”. (J. F. Normano: *Evolução Econômica do Brasil*, São Paulo, 1939, p. 22 e 62).

“Os grandes exportadores, em sua maioria ricos e estrangeiros, que manipulam capitais particulares assim como os recursos colocados ao seu dispor pelos sindicatos de ultramar, de que são intermediários, mandam para o interior dos Estados produtores